

Relatório Técnico e Fotográfico: Ruínas do Presídio do Parque Estadual Ilha Anchieta

1. Introdução

O Parque Estadual da Ilha Anchieta (PEIA) é a segunda maior ilha do litoral norte do Estado de São Paulo, com 828 hectares (ha) distribuídos em 17 km de perímetro, 7 praias, 5 trilhas terrestres e 1 trilha subaquática, 4 mirantes, além de um rico patrimônio histórico e cultural. A Ilha Anchieta é um dos principais atrativos históricos e de ecoturismo do município de Ubatuba e do Litoral Norte do Estado de São Paulo.

No que compreende aos aspectos arquitetônicos históricos, possui mais de 2.000 m² de edificações, juntamente com as ruínas do antigo Presídio, Quartel e Vila Civil, pertencentes à Colônia Correccional do Porto das Palmas, obra de Ramos de Azevedo. A qual funcionou como presídio para presos comuns até 1955, período marcado por uma grande rebelião e fuga de presidiários. Após cerca de 22 anos de abandono, em 29 de março de 1977, a Ilha se transformou em Parque Estadual da Ilha Anchieta, e iniciou o desenvolvimento de atividades relacionadas ao uso público e continuou expondo sua história em paralelo às novas funções e significados que adquiriu.

A ilha está inserida no tombamento da Serra do Mar e de Paranapiacaba, de acordo com a resolução 40 de 06 de junho de 1985, com processo Nº 20868/79, tombado pelo CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico, passando a ser objeto de salvaguarda com objetivo de garantir sua integridade. Além disso, encontra-se aberto estudo para tombamento das ruínas e prédios históricos.

Diante desse contexto e da responsabilidade em promover a conservação do patrimônio histórico-arquitetônico presente na Ilha Anchieta, em 2018, a Câmara da Compensação Ambiental – CCA/SIMA na sua 93ª Reunião, realizada em 03.07.2018, aprovou o Plano de Trabalho para *“Adequação ambiental e civil das estruturas que compõe as áreas de Uso Público para o aprimoramento dos programas de Gestão, com ênfase na proteção da biodiversidade, visitação e educação ambiental do Parque Estadual Ilha Anchieta”*, no valor de R\$ 13.621.908,00 (apresenta a economia de R\$ 1.425.234,00 e o total de R\$ 12.196.674,00), que contemplou a destinação final de R\$ 90.500,00 para a contratação de serviços especializados para o diagnóstico e elaboração de projeto executivo de contenção das ruínas do presídio, o qual é apresentado como anexo do Plano de Trabalho em questão.

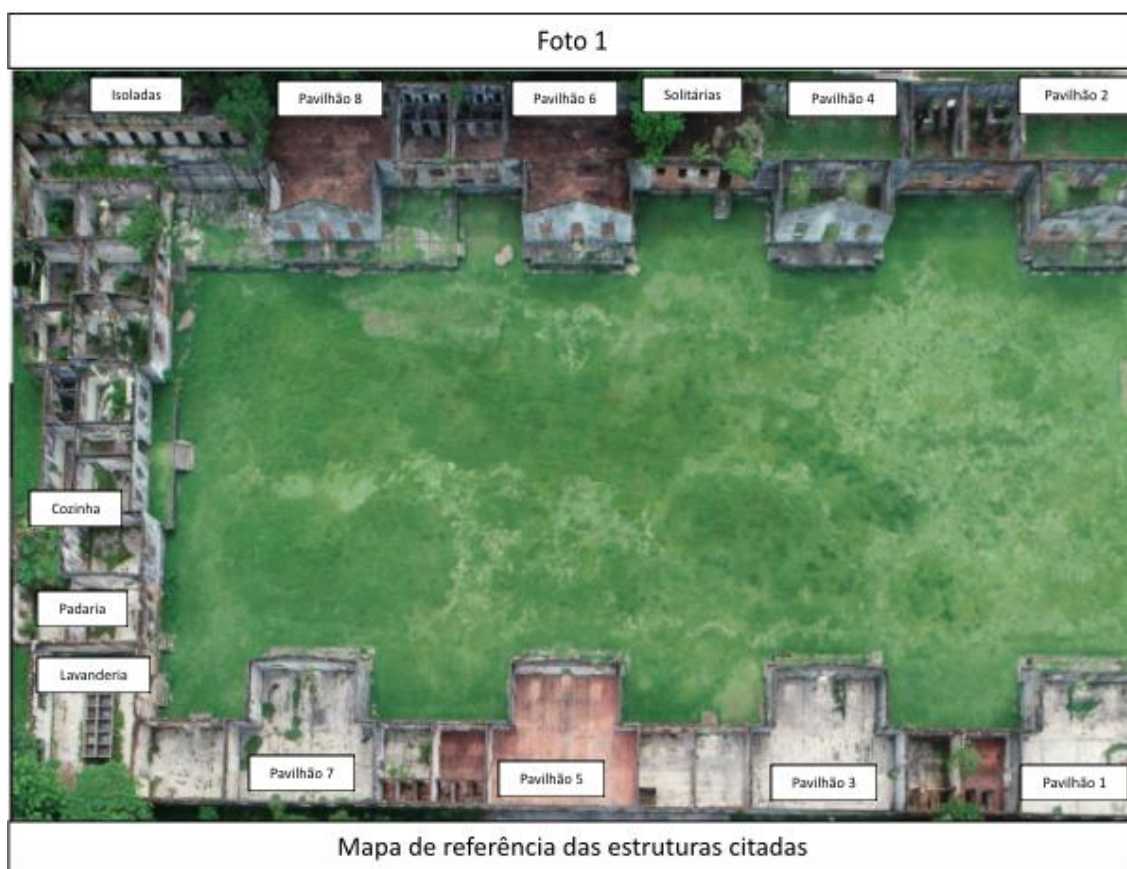
Apesar da urgência, na época não era possível a contratação dos serviços para contenção das ruínas da antiga Colônia Correccional do Porto das Palmas (antigo Presídio), pois, era imprescindível o projeto com todos os detalhes necessários para protocolar junto ao CONDEPHAAT e aguardar aprovação para posterior contratação da execução. Ao considerar a complexidade que abarca obras que envolvem ruínas históricas, não era possível a equipe técnica da instituição realizar todas essas etapas necessárias.

Vale destacar que o patrimônio histórico-arquitetônico remanescente se encontra em processo constante de degradação uma vez que vem sofrendo com intempéries desde a sua

desativação (1955), são diversas as patologias existentes, além de alguns pontos do conjunto arquitetônico oferecer risco ao público visitante. A situação atual põe em risco a perda definitiva de testemunhos históricos. Desta forma, a necessidade de estagnação e consolidação das estruturas possui caráter urgente, sendo a oportunidade de garantir a vivência da História às gerações futuras.

Considerando o projeto executivo supracitado como referência, bem como, as observações feitas *in locu* pela equipe do Parque Estadual Ilha Anchieta o presente relatório fotográfico apresenta imagens que demonstram as diversas patologias existentes nas ruínas do presídio da Colônia Correcional do Porto das Palmas, bem como as descreve.

2. Ambiente Externo



Em diversos pontos das ruínas, devido às variações climáticas, a ação do tempo e intempéries, vem ocorrendo deslocamentos e desgastes dos materiais que se não tomada uma medida de contenção poderá haver uma separação mais significativa e tornar a estrutura instável.

Considerando o exposto acima e a parte externa das estruturas da ruína, algumas patologias observadas podem ser classificadas como de nível alto e médio, uma vez que a ausência de ações de mitigação, os tijolos continuarão se soltando, aumentará a eficiência da penetração de água que conjuntamente com outras ações de intempéries poderão gerar trincas

maiores e até mesmo levar a separação completa das paredes. Além disso, poderá continuar a movimentação das fundações podendo levar o conjunto ao colapso (Fotos 2 e 3).

Nas fotos 2 e 3, referentes ao pavilhão 4, é possível verificar acima da janela a trinca, que atravessa a parede. De acordo com o levantamento apresentado no projeto executivo há um desaprumo de 8 cm entre a ponta do oitão e sua base, o que gera esforços não previstos na alvenaria. Pode-se ver uma trinca que se inicia no piso, passa pela lateral da janela e abre completamente na parte superior da alvenaria. Pela análise geométrica conclui-se que a parede perpendicular esteja desaprumada na mesma medida da separação. Ainda na parede lateral é possível ver a perda de alvenaria, que expõe o interior das celas solitárias, as quais possuem grafismos contemporâneos realizados pelos presos que ali estiveram e que nos permite complementar a história através de outros olhares. Os grafittis presentes nas celas Solitárias e isoladas são objeto da tese da Doutoranda Rosivânia de Castro Aquino, que atualmente elabora a pesquisa intitulada 'Um corpo que Aprisiona: Arqueologia das Corporalidades no Mundo Prisional da Ilha Anchieta (1942 - 1960), através do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.



Já em outros pontos, as patologias observadas são classificadas como de nível baixo, essas podem ser observadas nas fotos 4 e 5 (abaixo), referentes ao pavilhão 2, é possível verificar desgaste na fundação, trinca inclinada 45° a partir da abertura em toda a espessura da parede, separação entre a parede original e a alvenaria posterior e o aumento na degradação das ruínas em relação a perda do reboco, expondo a alvenaria dos pavilhões.

O reboco que imita blocos de cimentos, refere-se a reforma do presídio, sendo um elemento visual significativo. Também é observado que os tijolos expostos sem a presença do reboco, tendem a apresentar uma degradação acelerada.



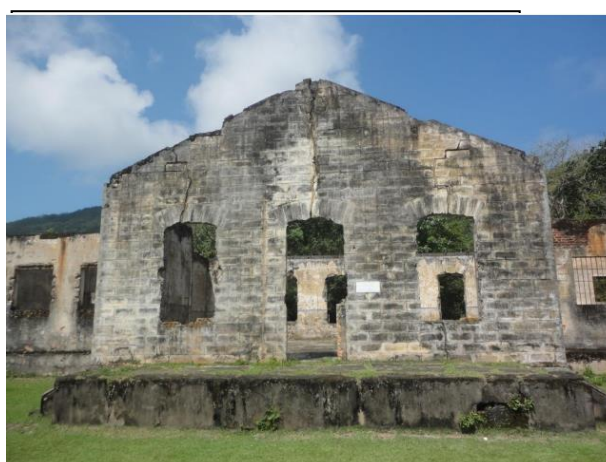
Pavilhão 2 - 21/08/2022



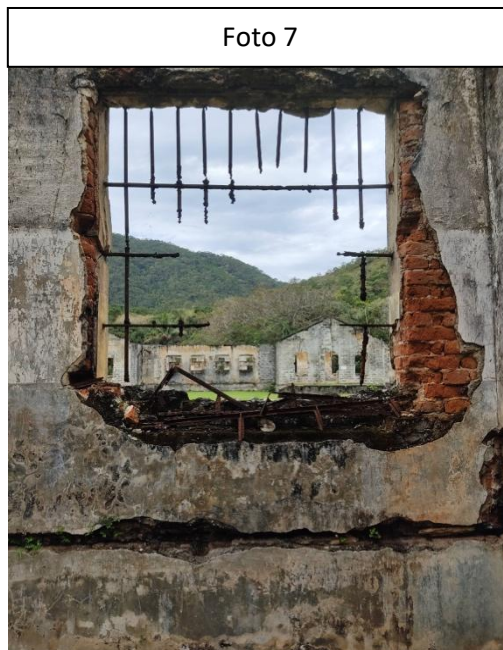
Foto 5

Pavilhão 2 - 14/09/2021

Quando observado a área externa, é perceptível que algumas patologias se repetem nas diversas estruturas que compõem as ruínas. São elas: a falta de travamento interno, a diferença de materiais e a situação da parede do oitão, devido às reformas históricas do presídio, sofrendo os mesmos efeitos ao longo do tempo podem sofrer as patologias como as trincas maiores e a separação completa das paredes, ou até mesmo podem levar o conjunto ao colapso. Esta patologia está representada pela foto 6.



Em todos os pavilhões, e demais estruturas da ruína, é possível observar pontos de oxidação do aço das grades, essa patologia fará o diâmetro das barras expandir, podendo chegar a cinco vezes o original, o que levará a esforços na argamassa de chumbamento e na alvenaria do entorno. (Foto 7)



As últimas fiadas da alvenaria de respaldo estão se soltando devido às ações de sol e chuva. Os blocos assentados nos oitões são furados, permitindo a entrada e acúmulo de água no interior da alvenaria. Ao permanecer esta situação, as ações citadas sendo acumuladas ao longo do tempo certamente agravarão o problema soltando os demais tijolos, bem como prejudicando a parte inferior da parede através da penetração de água.

Além disso, o oitão foi construído em blocos de concreto, diferentemente da parte inferior da alvenaria que utilizou tijolos de barro maciços (fotos 2, 3, 4 e 6). Portanto a ligação entre essas alvenarias pode ser considerada um ponto fraco em todo o conjunto, sendo necessária medidas urgentes de contenção, restauro e conservação.

Também são identificadas fissuras diversas na parede com sinais de que passaram por remendos. São fissuras que no momento não comprometem a estabilidade da parede, mas que devem ser tratadas (foto 8).

Foto 8



Fonte: Acervo Corsi Arquitetura e Construções, 2019.

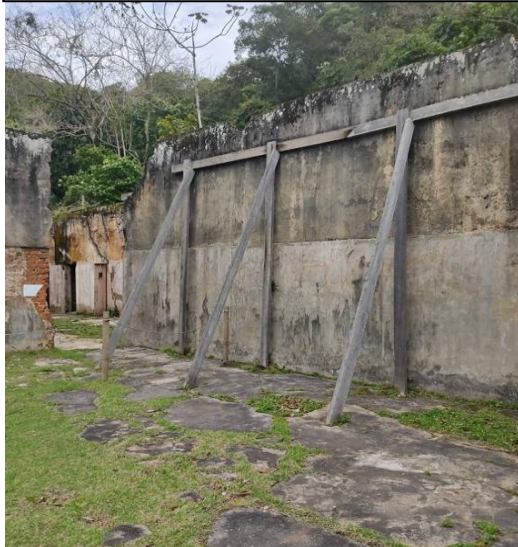
Assim como observado em todos os pavilhões, no pavilhão 6 é possível verificar o aumento na degradação das ruínas em relação a perda do reboco, expondo a alvenaria dos pavilhões, principalmente em volta da porta e janela (fotos 7).

De forma geral, se permanecer a situação atual descrita acima, as ações das intempéries farão aumentar os problemas observados nas ruínas, o que pode ocasionar trincas maiores com a separação completa das paredes, ou seja, locais onde apresentam patologias de nível baixo passarão a apresentar patologias de nível médio e alto, podendo ao longo do tempo gerar um colapso geral das ruínas do antigo presídio.

Há locais das ruínas que sofrem alto risco de vir a colapso, como é o caso da parede lateral das isoladas (foto 9). Na imagem é possível verificar uma contenção feita pela equipe do parque para que a mesma não venha a ceder. Esta parede apresenta trincas e encontra-se fora de prumo, o que indica que a sua capacidade de resistência e auto estruturação está comprometida, provavelmente ocasionado por movimentações na fundação direta executada sobre areia. Destaca-se que não sendo contida, os novos movimentos de fundação, as variações térmicas e ventos de velocidade média poderão levar a parede ao colapso.

Ainda nesse local, sem intervenções na fundação e na trinca, com o passar do tempo o processo será continuado e a separação das paredes poderá se completar levando o conjunto ao colapso. Por fim, a argamassa de revestimento encontra-se em processo de deslocamento, a qual sem intervenções a movimentação contínua das paredes aliada às condições climáticas manterão o processo de deslocamento continuado. Ambas são patologias de nível médio.

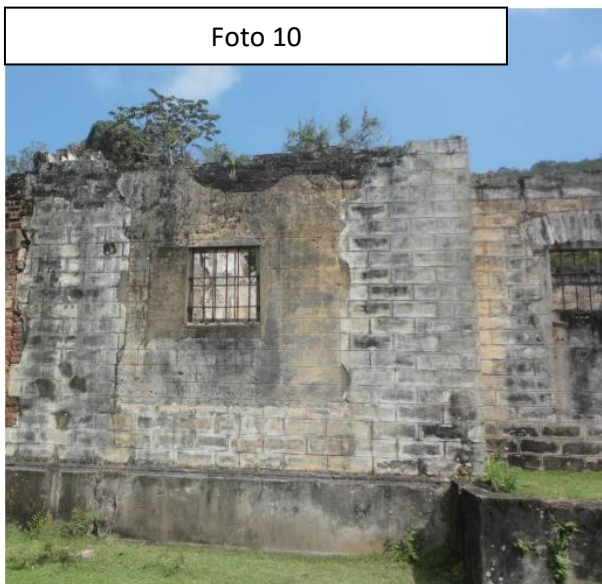
Foto 9



Isoladas

Observa-se fissuras na base da alvenaria (fundação), a causa das fissuras, provavelmente deslocamento da fundação permanece. Entretanto, a abertura da fissura não induz a suport grandes movimentos nas fundações. A penetração de água continuamente na fresta pode contribuir para a desestabilização do solo e aumento da separação. (Foto 10).

Foto 10

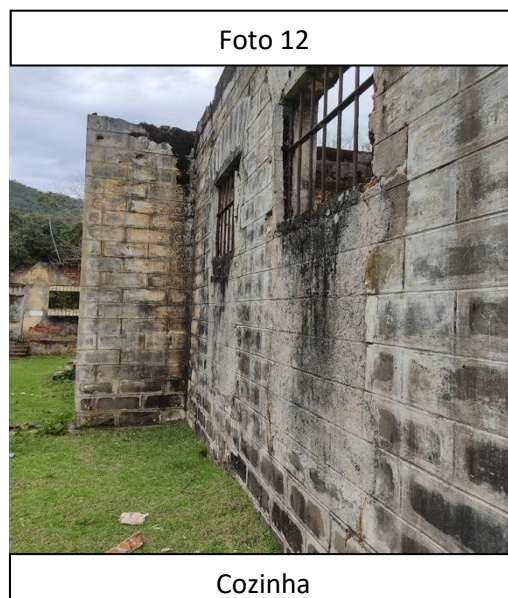


Também na cozinha há trinca inclinada na janela iniciando-se pelo canto e chegando até o respaldo separando a parede em duas partes. A tendência é que, recebendo águas pluviais e

sob o efeito da dilatação térmica, as paredes separem-se cada vez mais, corroendo as faces internas das fissuras (Foto 11).



Na foto 12, referentes à cozinha, é possível verificar a queda do reboco da parede em diversos pontos.



As imagens a seguir são referentes à área da lavanderia do antigo presídio da Ilha Anchieta, na foto 13, observa-se a queda do reboco e tijolos da parede em diversos pontos.

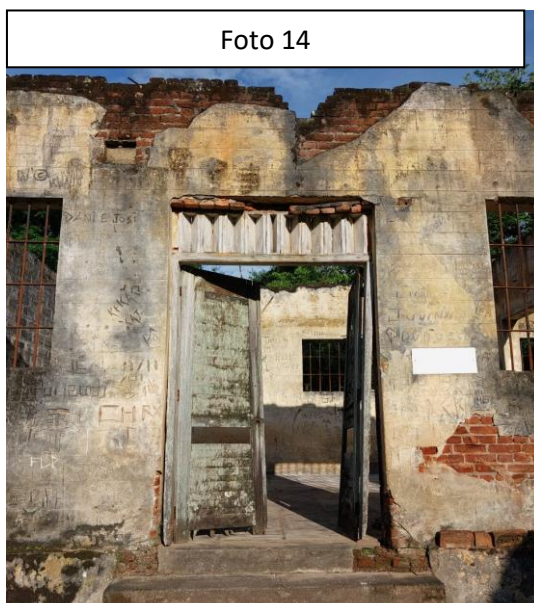
Foto 13



Lavanderia

Observa-se deslocamento do revestimento em reboco na bandeira da porta de madeira e portas soltas. É alto o risco das placas já soltas cair sobre os visitantes que passarem sobre a porta. (Foto 14)

Foto 14



Lavanderia

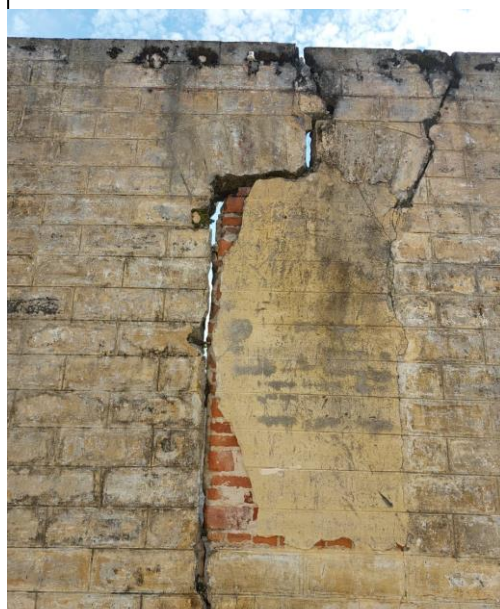
Na foto 15, referente aos pavilhões 1 é possível observar a estrutura de metal se soltando da alvenaria.



Pavilhão 1

Na posição do fechamento da janela existente anteriormente observa-se uma trinca que se inicia nas fundações, abaixo do piso, e se estende até o respaldo fazendo com que a parede fique completamente separada em duas partes, apresentando o conjunto sinais de alta instabilidade. O vão entre as partes indica que a movimentação e a separação entre elas continuam ocorrendo, ocasionando nela movimentação das fundações, visto que não se pode identificar qualquer ação realizada para a sua estabilização. (Foto 16)

Foto 16



Pavilhão 1

Destaca-se que a trinca, se não realizadas ações de contenção, deverá continuar até que não haja qualquer contato entre as partes e podendo pela ação do vento ou qualquer força aplicada sobre o plano perpendicularmente ir ao colapso.

3. Ambiente Interno

No ambiente interno das ruínas, muitas das principais patologias encontradas são as mesmas que as encontradas no ambiente externo, sendo elas; o deslocamento do revestimento em reboco, oxidação do aço nas vergas em aço laminado ou nas construídas em concreto armado, trincas no entorno das vergas, na região de apoio das paredes laterais, paredes soltas das amarrações com as demais.

Nas portas das ruínas é possível encontrar duas patologias comuns nas diversas estruturas das ruínas que podem ser observados nas fotos 17 e 18, os trincos e/ou fissuras nas bandeiras de portas, apresentando risco médio e tendência ao aumento dos vãos e indução ao deslocamento, podendo colocar em risco os visitantes que transitam sob esses vãos. A outra patologia comum nas portas são os batentes fragilizados que atualmente estão soltando partes, apresenta risco médio, pois a madeira exposta a intempéries e maresia tende a apodrecer, colocando em risco aqueles que transitam nas ruínas.



Devido à ação da maresia nas barras de aço que estão aparentes, é possível identificar a oxidação deste material, que causa a redução das áreas de resistência enfraquecendo a estrutura e colocando em risco os visitantes, devido à possibilidade de desabamento da bandeira das passagens, o que confere nível de risco médio a essa patologia. (foto 7)

Como já descrito no ambiente externo, no ambiente interno também é possível identificar que algumas paredes se apresentam completamente soltas das amarrações com as demais, situação ilustrada nas fotos 19 e 20, provavelmente devido a movimentação das fundações diretas executadas sobre solo arenoso. Apresentando nível de risco médio devido estarem soltas, o que possibilita deslocamentos e faz com que a parede perca um importante vínculo de fixação, podendo ir a colapso conforme o tipo de carga a que estiver sujeita (ventos, variação de temperatura, etc...)

Foto 19

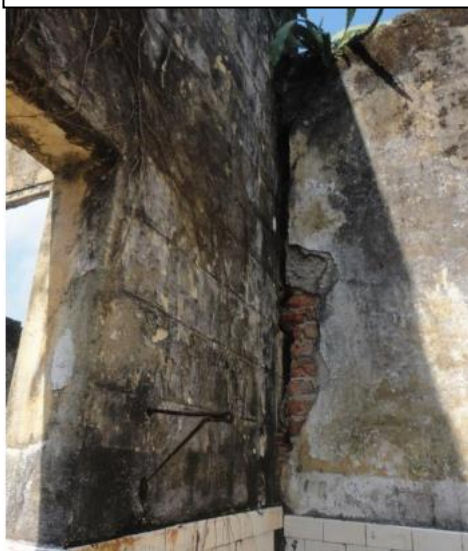


Foto 20



Considerando as patologias expostas acima, é possível visualizar na foto (21 e 22), o deslocamento do revestimento, que pode ser agravado devido a penetração das águas pluviais, aumentando a área deslocada ou estufando a camada de reboco, com um nível de risco baixo.

Foto 21



Foto 22



As trincas presentes no entorno das vergas na região de apoio nas paredes laterais possuem nível de risco baixo, apresentando a tendência de aumento até fragilizar o apoio de canto das vergas e a estabilidade da estrutura ser colocada em risco, conforme as fotos 23 e 24.

Foto 23



Foto 24



Nas fotos 25 e 26, referentes à chaminé da cozinha, é possível verificar que a mesma apresenta alta degradação, podendo ser observado várias trincas e ausência de tijolos e reboco. A instabilidade da estrutura da chaminé pode significar um risco à visita das ruínas da cozinha.

Foto 25



Cozinha

Foto 26



Cozinha

Nas fotos 27 e 28, referentes ao piso da cozinha, é possível verificar que o mesmo está cedendo em diversos pontos.



Nas figuras 29 e 30, referentes à cozinha, é possível verificar o chão cedendo, bem como a presença de rachaduras e queda do reboco acima da porta.



As imagens a seguir são referentes à área da lavanderia do antigo presídio da Ilha Anchieta, na foto 32, observa-se a queda do reboco e tijolos da parede em diversos pontos.

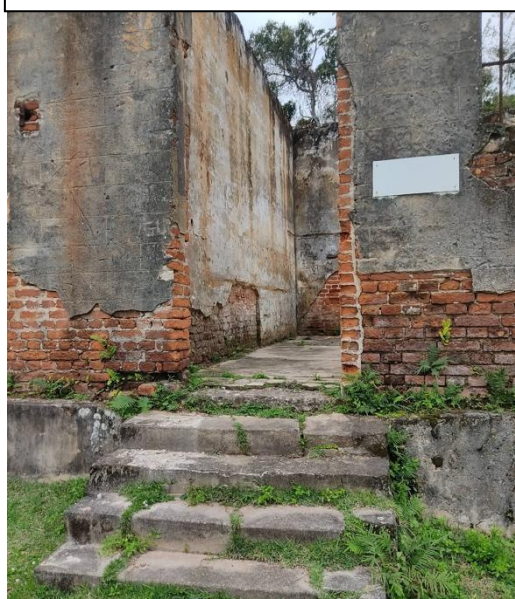
Foto 31



Lavanderia

Assim como relatado na área da cozinha, a lavanderia também apresenta fissuras na base da alvenaria e apresenta o mesmo prognóstico relatado. (Foto 32)

Foto 32



Lavanderia

Na lavanderia (foto 33) é possível observar um desgaste dos tijolos expostos e os mesmo se soltando.

Foto 33



Lavanderia

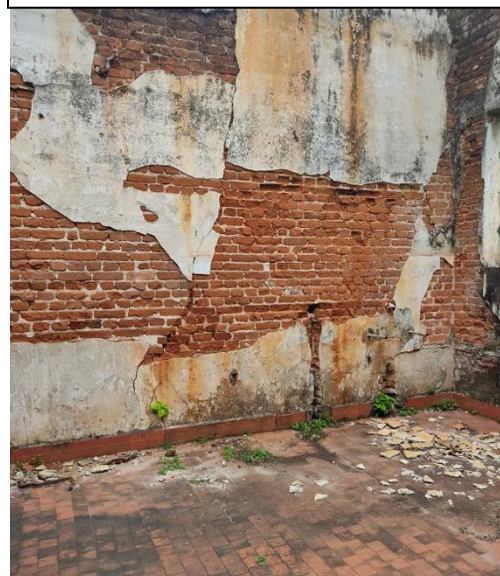
Nas fotos 34, 35, 36 e 37 referentes aos pavilhões 3, 5, e 7, é possível verificar a queda do reboco e tijolos da parede em torno da porta.

Foto 34



Pavilhão 5

Foto 35



Pavilhão 7

Foto 36



Pavilhão 3

Foto 37



Pavilhão 5

4. Celas Isoladas e Solitárias

As celas Isoladas e Solitárias atualmente se encontram fechadas à visitação pública por possuírem laje, e demais estruturas que se encontram instáveis.

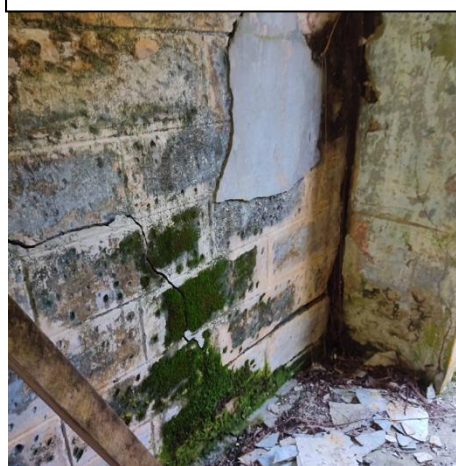
É possível observar nas fotos 38 e 39, que a parte da bandeira de alvenaria, que se posiciona sobre a porta está completamente solta e apoiada na madeira do batente, está madeira encontra-se com sinais de deterioração o que poderá levar a alvenaria ao colapso final, possuindo um nível alto de risco.

Foto 38



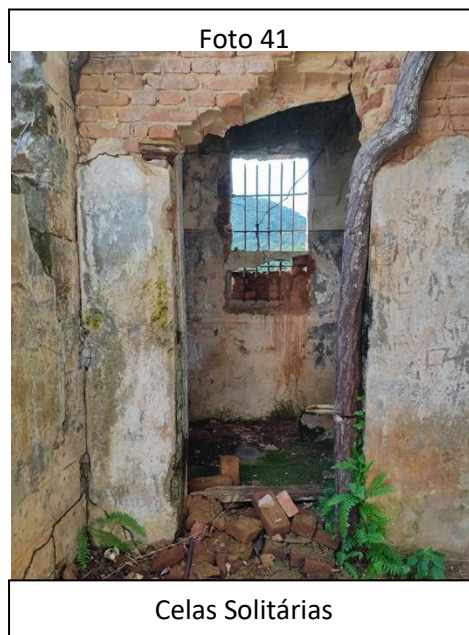
Celas Solitárias

Foto 39

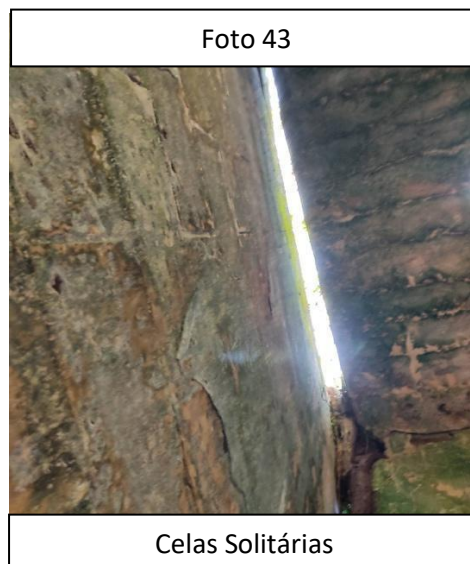


Celas Solitárias

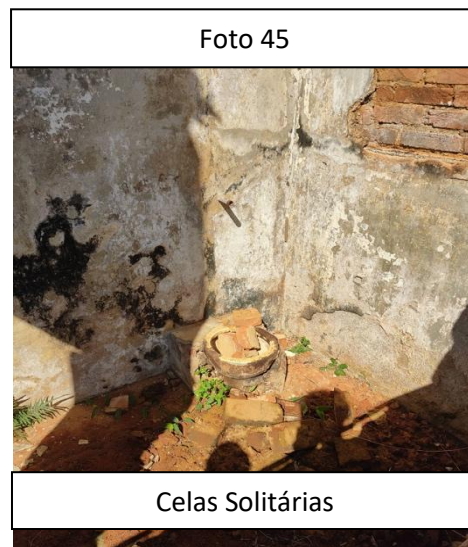
O crescimento da vegetação nas ruínas possui um alto risco atual, pois poderá ocasionar um colapso das estruturas, e ocasionar um comprometimento completo dos trechos de alvenaria atingidos.



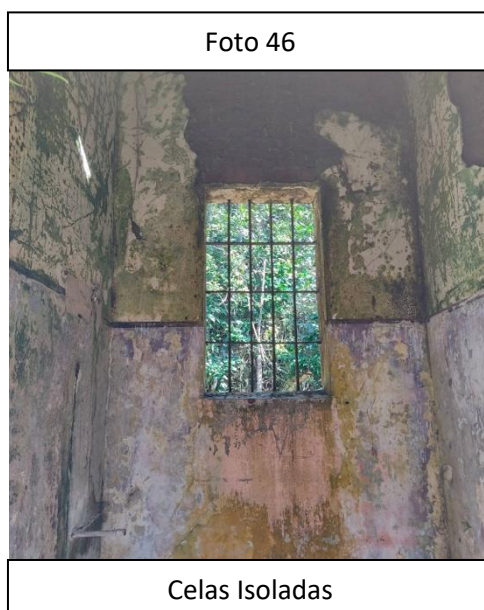
Nas fotos 42 e 43 ilustram a laje de concreto exposta sem impermeabilização, apresentando sinais de ruína e a incapacidade de garantir a própria estabilidade esse fator apresenta nível de risco atual alto, pois caso se mantenha a situação atual as armaduras que já se encontram em estado avançado de corrosão, poderão gradativamente perder a resistência tornando a laje sem armação, o que poderá levar a estrutura ao colapso.



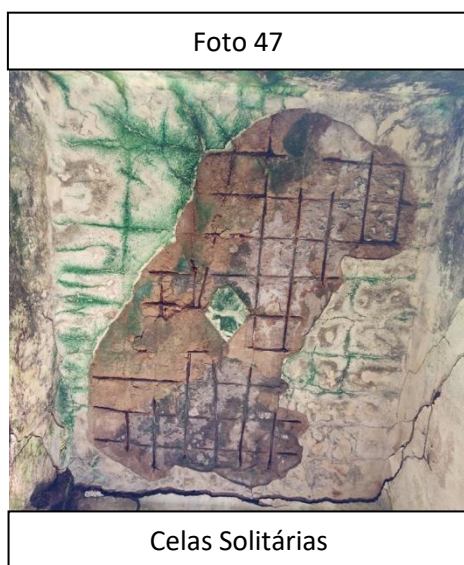
Os tijolos aplicados no respaldo da alvenaria nas fotos 44 e 45, devido à exposição no tempo e movimentação da laje, possuem sinais de estarem despregados e soltos, ou fixados insuficientemente, sendo classificados como risco atual médio. A tendência é que com o passar do tempo, caso não haja alguma intervenção, os tijolos se soltem do respaldo, oferecendo risco a aqueles que entram na estrutura. A vegetação presente, se não removida, induzirá as fiadas de respaldo a esforços que também contribuirão para o descolamento dos tijolos.



O aço presente nas grades, encontra-se oxidado, fazendo expandir o diâmetro das barras, que poderá chegar a cinco vezes o diâmetro original, esse processo poderá levar a esforços na argamassa de chumbamento e na alvenaria do entorno. Caso a expansão das barras de aço não seja contida, levará ao rompimento da argamassa de chumbamento, e consequentemente os tijolos das faces externas irão se soltar, sendo considerada como nível de risco atual baixo (foto 46).



As lajes expostas ao tempo (foto 47) encontram-se rachadas e com as armaduras corroídas. Observa-se, onde se pode ver, que as telas utilizaram barras de espessura superior àquela que seria necessária estruturalmente. Provavelmente por questões de segurança prisional, na foto 48 é possível ver partes da laje que caíram.



Este relatório técnico e fotográfico conforme é possível observar nas diversas imagens e descrições tem por objetivo elucidar a necessidade urgente de estabilização das ruínas da antiga Colônia Correcional do Porto das Palmas. Desta forma, a partir dos recursos oriundos da Câmara de Compensação Estadual e conseqüentemente da contratação de implantação do projeto executivo das ruínas do PEIA promover a salvaguarda do patrimônio histórico cultural lá existente.

4. Referência Bibliográfica

FUNDAÇÃO FLORESTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO & CORSI ARQUITETURA E CONSTRUÇÕES, 2019 - Projeto Executivo Ruínas do Presídio Parque Estadual Ilha Anchieta - Volume I e II

O presente relatório técnico fotográfico foi feito conjuntamente por Natalia Galizoni Hara e Priscila Saviolo Moreira.



Priscila Saviolo Moreira

Priscila Saviolo Moreira

Chefe do Parque Estadual da Ilha Anchieta